



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

PARTICIPAÇÃO SOCIAL NAS CULTURAS JUVENIS: OS SENTIDOS DA SUBJETIVIDADE E DA EDUCAÇÃO

JANINE OLIVEIRA CARDEAL

ELIONE MARIA NOGUEIRA DIÓGENES

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO

Refletimos sobre a participação social das juventudes diante da construção e consolidação das culturas juvenis. O objetivo central do artigo cumpre em perceber, por meio da reflexão dos jovens sobre as suas ações no coletivo, o sentido que a participação social tem ocupado em suas vidas. A temática é discutida à luz da produção científica de teóricos, como Abramo (2005), Abrantes (2003), Dayrell (2003; 2007), Margulis (2000), Pais (2004). Metodologicamente, nossa pesquisa de campo foi realizada em um coletivo juvenil desenvolvido em uma Organização Não Governamental (ONG) alagoana. Os resultados sinalizam que esses coletivos lutam contra a invisibilização e estigmatização das juventudes, corroborando para a consolidação da participação social, não podendo ser silenciados na atual conjuntura. **Palavras-chave:** Juventudes; Participação social; Culturas juvenis. **RESUMEN**

Reflexionamos sobre la participación social de los jóvenes frente a la construcción y consolidación de la cultura juvenil. El objetivo central del artículo se reúne para darse cuenta, a través de la reflexión de los jóvenes sobre sus acciones en el sentido colectivo que la participación social ha desempeñado en su vida. El tema se analiza a la luz de la producción científica de la teórica, como Abramo (2005), Abrantes (2003), Dayrell (2003; 2007), Margulis (2000), pais (2004). Metodológicamente, nuestra investigación de campo se llevó a cabo en un colectivo de jóvenes convertido en una Organización No Gubernamental (ONG) Alagoas. Los resultados indican que

éstos lucha colectiva contra la invisibilidad y la estigmatización de los jóvenes, el apoyo a la consolidación de la participación social, y no pueden ser silenciados en la situación actual. **Palabras clave:** Jóvenes; la participación social; culturas juveniles.

1. Introdução

Nas duas últimas décadas temos percebido uma ressignificação no que diz respeito à teorização sobre Juventude, que compreende desde o complexo processo de conceituação da temática até ênfase nos estudos acerca da dimensão cultural que corporifica as juventudes na forma como são compreendidas na atualidade.

De acordo com Dayrell (2007, p. 1118) “o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços”. Em consonância com o autor, compreendemos que refletir sobre o jovem na atual conjuntura nos remete a pensar a sua construção histórica e cultural que se desenvolve em tempos diversificados e em espaços multifacetados.

Os estudos que se referem à temática deixaram de considerar a juventude como uma mera fase de transição para a vida adulta, ou ainda como um grupo de indivíduos que podem ser categorizados de acordo com a sua faixa etária. De igual modo as pesquisas que analisam a vida escolar desses jovens em sua completude, não apresenta esses jovens em uma mera posição de “alunos”, ou seja, como seres sem luz que precisam ser iluminados pelo conhecimento, mas sim como sujeitos ativos em todo processo de ensino-aprendizagem (ABRANTES, 2003).

É possível perceber, ainda, que se tornou consensual tratar a juventude a partir de sua diversidade, não à toa a terminologia passou a ser utilizada no plural entre os autores que investigam, refletem e produzem conhecimento a respeito da temática. Estudiosos como Abramo (2005), Abrantes (2003), Dayrell (2003; 2007), Pais (1993; 2004) apresentam de forma estruturada as condições que motivaram a mudança na abordagem da terminologia que é tratada em seus trabalhos como juventudes.

O reconhecimento dessa diversidade está intimamente relacionado ao processo de construção das culturas juvenis, posto que este se refere a criação de espaços e territórios de sociabilidade nas quais os jovens ocupam um papel ativo. Destarte, a partir do reconhecimento de diferentes espaços, práticas e manifestações culturais desses jovens, tornou-se inviável perceber a juventude e não as juventudes mediante as suas particularidades e completude.

A respeito dessas culturas juvenis Dayrell (2007, p. 1109) esclarece algo que por mais que pareça óbvio é necessário considerar:

Eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida. Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo, o seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido mediadores que articulam jovens que se agregam para trocar ideias.

A construção cultural apresenta-se como um espaço privilegiado no qual as juventudes buscam manifestar as suas identidades e tais identidades não são homogêneas e nem poderiam ser porque estão firmadas em práticas culturais distintas.

Os jovens por meio da interação com os seus pares, em diferentes grupos demarcam suas identidades individuais e coletivas. É no contexto desses grupos sociais que os jovens, que não raras vezes são subalternizados no contexto social, encontram meios para se inserir socialmente por meio da coletividade.

De acordo com Pais (1993 p.94) os sujeitos de um determinado grupo “constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros”. São nesses espaços que podemos perceber como se desenvolve a sociabilidade entre os sujeitos, sendo esta uma dimensão diferenciada da condição juvenil. Posto que, ao passo que a sua condição de sociabilidade expande, ampliam-se também as condições de participação desses jovens.

Tal questão nos parece oportuna para inserirmos a reflexão a respeito da participação de jovens em diferentes espaços e, especificamente, nesse artigo nos propomos a estudar a participação de tais sujeitos em coletivos sociais. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo em uma ONG situada no estado de Alagoas, no intuito de nos aproximarmos desses coletivos a fim de conhecer as experiências que estão sendo desenvolvidas nessa realidade e de perceber por meio de suas “falas” quais os sentidos que essa participação tem produzido em suas vidas. **2. O jovem e a sua dimensão de sociabilidade**

De acordo com Dayrell (2003), uma das visões mais enraizadas relacionadas à juventude é a da mera transitoriedade. Essa concepção do “vir a ser” é, inclusive, uma das questões tratadas com rigor pelo autor, posto que a perpetuação dessa visão da juventude como uma passagem ou preparação para a vida adulta significa na própria restrição dos direitos dos jovens enquanto sujeitos.

Parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano de sua tematização como das ações a eles dirigidas uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando essa é a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além de sua consideração como “problema social” (ABRAMO, 1997, p.28).

Abramo (1997) sinaliza para uma questão importante que é a tendência que se tem ao considerar os jovens como problema social e não como sujeitos que estão inseridos em problemáticas sociais e que podem possuir meios para gerir e atuar sobre tais situações. A autora ainda nos remete a refletir acerca da necessidade de romper com uma lógica da exclusão social, a qual pode ser percebida em certos estudos sobre a juventude, ou ainda nos projetos sociais voltados a esses jovens, colocando-os apenas como público alvo e não como interventores sociais.

Há, portanto, a necessidade de romper com essa compreensão “ingênua” da realidade das juventudes visto que justamente por meio “dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança” (DAYRELL, 2007,p.1117).Por tal razão, é preciso refletir sobre essas identidades juvenis e não somente pela posição que ocupam na sociedade, a fim de elucubrar para além dos estereótipos juvenis postos na contemporaneidade.

Isso quer dizer que pensar as juventudes não é pensar sobre a posição que os jovens ocupam, como a de estudante, a de skatista, a de delinquente, ou qualquer que seja a posição que ocupem. Refletir sobre a juventude é pensar sobre quem são esses jovens para além da posição que ocupam, para além das atividades que desenvolvam.

A respeito dessa questão, os estudos de Charlot (2000) nos orientam a pensar o sujeito como um ser humano aberto a um mundo de possibilidades, que carrega a sua historicidade e que não pode se limitar ao presente. Os sujeitos trazem consigo desejos e são orientados também por eles, e se relacionam com outros sujeitos com novos e diversificados sujeitos. Assim, é um ser social, que ocupa um lugar social e que socialmente estabelece relações plurais. Do mesmo modo é um ser singular que é capaz de agir de forma específica e, sobretudo, ativamente no mundo e sobre o mundo.

É necessário que pensemos os jovens a partir de suas necessidades enquanto sujeitos, sujeitos que demandam espaços e grupos para que possam constituir relações e desenvolverem-se a si mesmos. É na interação com os outros e na participação em diferentes espaços sociais que são construídas as identidades dessas juventudes.

Nesse sentido, podemos questionar a respeito da importância da participação juvenil na sociedade e pensá-la como um meio desses jovens se desenvolverem enquanto sujeitos, bem como aprimorar as suas próprias condições humanas. De acordo com Arendt (2000) a participação social dos jovens lhes possibilita que alcancem a “condição humana” que não é natural posto que não é desenvolvida biologicamente, mas sim condicional porque é estabelecida a partir das relações sociais.

Destarte, é salutar esclarecer que a participação social corresponde às relações que os jovens desenvolvem no contexto das instituições que integram, tais como família, escola ou ainda trabalho, bem como em espaços desinstitucionalizados, a saber: ruas, áreas de lazer, grupos sociais, entre outros espaços onde os jovens se relacionam com seus pares.

Entretanto, há ainda espaços específicos nos quais os jovens se relacionam e dedicam parte significativa do seu tempo, que são os espaços dos coletivos. A respeito desse envolvimento nesses espaços Melluci (2004) considera que ser jovem não é a condição única que motiva os jovens a se desenvolverem nesses espaços, é sobretudo uma questão de se identificar com a ação que se pretende coletivamente.

A respeito das ações de mobilização enfatizamos a importância da participação para a construção das identidades dos sujeitos envolvidos. É importante considerar que as ações que esses jovens realizam coletivamente são desenvolvidas porque há um processo de significação, ou seja, a ação tem um sentido específico para os sujeitos de acordo com as suas especificidades. Isso quer dizer que mais do que desenvolver uma ação, o jovem está desenvolvendo a sua identidade, está explorando a sua história, considerando os seus desejos e compreendendo novos aspectos da sua realidade.

Todo sujeito pertence a um grupo, mas não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá sentido ao mundo, atua neste, depara-se com a necessidade de aprender e com variadas formas de saber (CHARLOT, 2000 p.38).

Charlot (2000) nos apresenta a necessidade de refletir sobre esses pertencimentos dos sujeitos, os jovens envolvidos nesses coletivos se sentem parte integrante, mas não se limitam a ação. Ou seja, não definem suas identidades em razão de uma ação, todavia as suas identidades se relacionam com as ações coletivas à medida que atribuem novos sentidos, novos significados.

Diante do que apresentamos a respeito da necessidade de refletir sobre os jovens a partir da sua

dimensão de sociabilidade como meio de consolidar as suas identidades, cabe ao nosso trabalho pensar a respeito da importância que tais espaços de participação representam para a consolidação de frentes democráticas e para a construção identitária desses jovens enquanto sujeitos, sendo respeitados em suas dimensões históricas, culturais, sociais e humanas. **3. As Juventudes na perspectiva da participação social**

Não raras vezes é comum presenciarmos a midiaticização de dados que não correspondem a realidade que se expressa. No que diz respeito à participação social das juventudes é salutar esclarecer que não cessou o interesse dos jovens com as questões de cunho social. Entretanto reconhecemos que ocorreram mudanças na forma como essas juventudes tem se posicionado, sendo que tais transformações, de acordo com autores da área como Abramo (2005) Carrano (2002), estão relacionadas às profundas modificações que tem ocorreram e que vem acontecendo na tessitura socioeconômica do país.

Ainda que os contextos sociais e econômicos estejam cada vez mais encurralando jovens para o precário mercado de trabalho, tomando o tempo livre para agrupações; ainda que a mídia comercial tenda a manipular as muitas formas de resistência num disfarçado teatro de felicidade obtida simplesmente pelo consumo de apetrechos, os jovens vêm se mostrando bastante adaptáveis e adaptadores dessas condições (CASTRO; ABRAMOVAY; 2009, p. 39).

As estudiosas apontam para dois dos principais elementos de desmobilização da juventude na contemporaneidade. A primeira se refere a própria estrutura socioeconômica do país que exige o adentramento ao mercado de trabalho cada vez mais cedo. Deste modo as juventudes vivenciam um esvaziamento de suas horas vagas em razão da necessidade buscar uma posição no mercado de trabalho, que na lógica operante propicia mais oportunidades para aqueles que buscam mais cedo se engaja nele.

Diante do enxugamento no tempo desses jovens as mobilizações sociais, a organização e participação em ações coletivas tem se tornado um desafio para as juventudes. A participação social não deixou de ser um interesse dos jovens, ocorre que para esses sujeitos novos desafios tem se apresentado e não há toa a mídia comercial tem se colocado como um mecanismo de desmobilização, visto que aparelha jovens com atrativos tecnológicos com o objetivo claro de transmitir uma mensagem sobre um mundo de felicidade. Acontece que tal mundo que pode ser percebido na vida de poucos, porém na realidade da maioria das juventudes o discurso não consegue se concretizar. Entretanto diante das dificuldades que se impõem hoje à participação

social, Castro e Abramovay (2009, p.39) consideram que “muitas são as adaptações e mutações, engendradas pelos sujeitos jovens, que favorecem o processo de participação”. Percebemos na contemporaneidade que as formas de participação juvenil estão vivenciando um processo de reorganização, redefinição de acordo com o tempo e o espaço de atuação desses jovens. É necessário esclarecer que participação social não se restringe a participação desses jovens nas instituições, grupos, clubes específicos, mas consideramos ainda a atuação em situações concretas que envolvem a melhoria de suas vidas e de outras pessoas. A participação social sofreu modificações, posto que até mesmo as formas desses jovens se relacionar se modificou, passou a contar com mecanismos tecnológicos de interação. Se por um lado há um isolamento, também as redes passaram a ser utilizadas como meio de transmitir informações, compartilhar ideias que possam ser realizadas coletivamente. Notamos na atualidade que as juventudes têm buscado em meio à falta de tempo, aos compromissos que desde cedo são impostos, meios para se organizar coletivamente de acordo com os seus interesses comuns, bem como com objetivos e condições de vida. Até porque o engajamento desses jovens não se dá por um viés puramente subjetivo, mas pela identificação entre os pares que corresponde as condições objetivas de vida e oportunidades oferecidas. Desse modo, compreendemos que a participação social juvenil, especialmente em ações coletivas tem por objetivo melhor as condições de vidados sujeitos envolvidos nesse grupo, da sua comunidade ou a sociedade de uma forma mais abrangente. A participação social que se desenvolve em coletivos organizados em projetos sociais ou mesmo a que ocorre em situações concretas de forma pontual se modificou no decorrer dos anos, entretanto, tem buscado se consolidar a partir do direcionamento de acordo com pautas de atuação, valorização dos sujeitos no grupo e horizontalidade no processo de coordenação das ações. Reconhecemos que a participação social continua sendo um desafio, ao qual conta com a capacidade das juventudes de transformar e de se adaptar diante das modificações estruturais que ocorreram e que continuam ainda a acontecer na tessitura política, econômica e social do país. **4. Desvelando sentido: possibilidades de participação juvenil em um coletivo social alagoanos**

Conforme as discussões realizadas anteriormente a participação das juventudes na atualidade apresenta-se sob novas configurações que em alguns casos nada de assemelham as mobilizações juvenis em outros tempos históricos. Os jovens não deixaram de participar ou de fazer uso de seus espaços de participação já conquistados, embora a forma como tem utilizado tenha sido profundamente alterada.

Para fins de compreensão da realidade, optamos em nosso estudo por recorrer a um projeto social que é desenvolvido no espaço de uma ONG no estado de Alagoas a partir de uma ação coletiva de jovens. O projeto específico que é desenvolvido prevê a inclusão digital de jovens de um município da zona da mata alagoana, a saber: Boca da Mata. A instituição na qual se realiza o projeto

desenvolve um trabalho social há dez anos, portanto na intenção de preservar os que contribuíram para esse estudo a ONG será denominada com um nome fictício de Semeador.

Com relação ao projeto que conta com a atuação de vinte jovens em idade entre 18 e 25 anos, o mesmo foi submetido a editais de financiamento e hoje é patrocinado por instituições com subsídios financeiros mensalmente que são destinados a compra de recursos materiais para andamento do projeto, bem como para ajudar no custeamento dos colaboradores. No que diz respeito ao objetivo do projeto, este corresponde a incluir digitalmente e socialmente crianças, adolescentes e jovens, propiciando a igualdade de acesso às tecnologias por meio de cursos de inicialização e profissionalizantes na área da informática.

Percebemos que por ter essa identificação com os recursos de tecnologias da informação e comunicação que o coletivo tem investido em ações que promovam a inserção social a partir da instrumentação de tecnologias que possibilitem a expressão da cultura e identidade dessa juventude. Entendendo que esses jovens podem se tornar produtores de uma comunicação que é capaz de mobilizar, gerir, agregar, somar forças que os projetos socioculturais têm aberto os canais da comunicação para que a juventude expresse seus desejos presentes e também.

Tendo em vista que o estudo pretende discutir não somente a respeito dos resultados alcançados pelo projeto desenvolvido, mas, sobretudo, conhecer os sentidos que a participação nesse coletivo tem alcançado na vida dos jovens protagonistas buscamos em suas “falas” elementos que nos aproximem do nosso objetivo. Realizamos entrevistas com os vinte jovens protagonistas do referido coletivo e seus nomes também serão preservados nessa análise.

Por meio das entrevistas com esses jovens, nos foi possível (des)velar que o trabalho no qual eles estão envolvidos, tem se configurado como diferente de todas as outras experiências, inclusive, profissionais, porque tem contribuído para o crescimento desses sujeitos para além de uma dimensão.

Bem, eu já havia tido experiências com educação em diversas escolas, e também já participei de diversos projetos na área específica de meio-ambiente. Entretanto, o trabalho aqui na ONG tem sido diferente de tudo que já vivenciei, é um outro contato com a realidade, é uma relação mais próxima. Tenho aprendido bastante na área profissional, e também pessoal (Jovem protagonista 2).

O trabalho do instituto me fez ter um outro olhar do trabalho social, é uma outra especificidade. Tenho dezoito anos de experiência no Terceiro setor,

mas o instituto é extremamente diferente. Primeiro porque é um protagonismo jovem, a metodologia que utilizam, as formas como se tratam, há um respeito, cuidado e valorização dos talentos. Tive diferentes experiências aqui, novo olhar sobre a educação complementar, mas, sobretudo, no trabalho com a juventude (Jovem protagonista19).

São essas novas experiências que tem possibilitado um desenvolvimento ampliado desses sujeitos. Desenvolvimento este que está associado a uma formação direcionada para diversos aspectos da vida desses jovens. Dentre os quais os respondentes do chamam a atenção para a contribuição que as ações coletivas têm possibilitado a construção desses sujeitos, enquanto profissionais.

Eu penso que o trabalho da instituição tem feito com que eu me desenvolva cada dia como profissional. Eu posso dizer que havia somente uma aspirante a educadora antes de eu conhecer o projeto, hoje há uma profissional de verdade. Eu tenho percebido que educação envolve antes de tudo, humanidade. Me tornei mais humana, com o desejo de contribuir no social (Jovem protagonista 1).

Acredito que no pouco tempo que tenho aqui na instituição, tenho aprendido muito sobre a minha profissão de educadora. Porque ainda que o meu trabalho seja voltado para a prática esportiva, antes de tudo eu sou uma educadora. Então tem contribuído para o meu olhar e postura de educadora (Jovem protagonista 3).

A ONG me orienta em muitas coisas. Por meio de diversas experiências a gente se transforma em profissionais polivalentes, completos (Jovem protagonista 12).

Além dessa dimensão profissional, citada pelos jovens, as ações têm contribuído para o fortalecimento da formação acadêmica desses sujeitos, tendo em vista que as experiências nas instituições formais não dão conta de apresentar em sua totalidade as possibilidades presentes no campo não formal. A respeito da contribuição na formação, os respondentes afirmam que o trabalho da instituição:

Influencia na minha vida acadêmica, porque aqui estou buscando aprender com a realidade social para intervir de acordo com as possibilidades da

minha profissão. E também na minha vida pessoal, porque é impossível não aprender com as relações que se estabelecem aqui (Jovem protagonista 4).

Tem sido importante para o meu crescimento profissional e pessoal. Aprendi a me relacionar, a tomar decisões ponderadas. E na minha vida profissional é importante porque a partir das oficinas de comunicação e formação política eu consigo certificados importantes para o meu currículo (Jovem protagonista 15).

O trabalho me impulsiona a querer estudar mais ainda sobre o que faço e me faz visualizar uma prática que eu não tinha antes. O trabalho é totalmente diferente em uma ONG, a faixa etária, o desafio. Até a assimilação do que é feito exige um trabalho específico (Jovem protagonista 20)

Permite um esclarecimento sobre a sociedade. Além de formações, conhecimentos, trocas de experiências com os participantes, eu recebi um incentivo para a minha formação (Jovem protagonista 16).

Ademais, os jovens apontam também que a prática desenvolvida no contexto dos projetos do coletivo, ainda que não pretenda diretamente, tem contribuído na formação deles enquanto sujeitos, de uma forma particular. Por meio das relações, das práticas, e das ações, eles têm acumulado vivências que corroboram para a construção pessoal dos mesmos.

O trabalho da instituição tem agregado à minha vida saberes muito específicos que tem contribuído para o meu desenvolvimento enquanto sujeito, enquanto educadora, e educanda. Porque aqui eu tenho aprendido muito, com as vivências, com as posturas, com os colegas, mas ainda mais com as crianças e adolescentes (Jovem protagonista 5).

Antes eu não tinha cuidado no trato com as crianças. Mudou meu jeito de olhar e falar aqui na minha vida pessoal (Jovem protagonista 11).

Na minha construção enquanto ser, o instituto tem influenciado nas minhas decisões. Me tornei uma pessoa protagonista (Jovem protagonista 18).

O trabalho interventivo, no qual esses sujeitos participam como protagonistas, tem desenvolvido os princípios de coletividade, cooperação, construção cultural, participação social, e desta forma, tem colaborado para a formação desses jovens enquanto sujeitos de relações, capazes de pensar e agir coletivamente. De acordo com os entrevistados, dentre os diversos conhecimentos possibilitados, essas questões que envolvem a percepção dos aspectos da vida comunitária têm influenciado suas construções.

Aprendi muito aqui. Contribuiu até para o meu desenvolvimento como designer. Tive mudanças de percepção na minha vida pessoal, com relação ao meu futuro e na vida comunitária, aprendi que sozinho não podemos nada. (Jovem protagonista 13).

O instituto tem influenciado na minha forma de conduzir as minhas práticas. Tenho aprendido nesse espaço que posso realizar um trabalho formativo que seja realmente significativo para os sujeitos. Tenho aprendido com as experiências de cada dia a ser um educador que constrói junto com os educandos. (Jovem protagonista 6)

O instituto foi um grande aliado na minha construção de mundo, concepção de viver. Abriu a minha mente para a minha formação, influenciou no meu curso. Me ajudou a enxergar o próximo (Jovem protagonista 17).

Essa contribuição na forma de se perceber e de perceber o mundo tem corroborado para a formação de sujeitos que se enxergam como cidadãos, com direitos que precisam ser assegurados e efetivados por políticas públicas. Políticas estas, que podem ser cobradas a partir do engajamento dos sujeitos nas questões sociais. Portanto, o trabalho desenvolvido em espaços como o coletivo pesquisado também favorece a formação desses jovens, enquanto cidadãos, que exercem a sua cidadania, e que, portanto, percebem a importância de sua participação ao se engajar nas questões de interesse social.

O trabalho desenvolvido na instituição tem ajudado a minha compreensão de mundo e de sociedade. Tenho aprendido muito mais do que tenho ensinado. Hoje, percebo que as questões sociais estão presentes em todo processo educativo. E daí a importância de tratar essas questões para desenvolver ainda mais a educação. (Jovem protagonista 8)

A partir desse trabalho eu tive um esclarecimento sobre a sociedade. Encontrei um lugar na sociedade. Mudou a minha forma de enxergar o mundo, as pessoas. (Jovem protagonista 10).

O trabalho no qual eu estou envolvida me permitiu desenvolver, crescer o meu olhar em torno da sociedade. Me permitiu esse conhecimento crítico sobre a sociedade. (Jovem protagonista 14).

O conhecimento crítico em torno das questões sociais tem possibilitado que esses sujeitos mais do que se posicionem, se envolvam nas lutas pelos direitos sociais, que tomem a frente, que desenvolvam suas identidades juvenis de comprometimento com a realização de uma prática para a transformação social. Neste sentido, os processos educativos desenvolvidos nesses espaços desempenham um papel importante junto a essa formação de sujeitos preocupados com a dimensão política, econômica e social, e comprometidos com a transformação de determinada realidade.

O trabalho faz com que eu me perceba como um transformador social da realidade (Jovem protagonista9).

Estar no projeto faz com que eu me enxergue como um transformador social comprometido com a realidade educativa, econômica, política e social. (Jovem protagonista 7).

Diante das colocações dos sujeitos que refletiram acerca de suas práticas e vivências no decorrer de suas participações no projeto e atuação é possível identificarmos as contribuições dessas experiências para o desenvolvimento da identidade juvenil desses sujeitos, bem como os significados que eles atribuem a esse engajamento social. A participação social no coletivo demonstrou que a vivência nesses espaços possibilita a elaboração de sentidos para suas vidas tão significativos que se tornou difícil mensurá-los ou mesmo explicá-los discursivamente.

5. Considerações

Por meio deste trabalho objetivamos, ainda que de forma incipiente, perceber por meio da reflexão dos jovens sobre as suas ações no coletivo, o sentido que a participação social tem ocupado na vida dessas juventudes envolvida. Assim, com vistas a cumprir tal objetivo desviamos a rota do olhar institucionalizado dos espaços onde se desenvolvem essas ações, a fim de (des)velar na "fala" dos sujeitos os significados dessas ações sob a forma de vivências que dizem respeito à construção

de suas identidades.

Os estudiosos que tem se debruçado sobre a temática juventudes e participação social Abramo (2005), Abrantes (2003), Carrano (2002), Dayrell (2007), Margulis (2000), Pais (2004), consideram que os jovens continuam tendo interesse pela participação social e atuando ativamente em seus contextos sociais, entretanto essa atuação tem ocorrido de forma diferente. A atuação não é mais aquela relacionada apenas ao sentido da participação, outros elementos encadeados têm mantido e fortalecido os grupos juvenis, a saber: o desenvolvimento da afetividade, dos aprendizados, a superação coletiva de desafios.

A partir dos relatos também foi possível (des)velar o sentido de complementariedade entre as dimensões particulares do sujeito e as dimensões coletivas. Percebe-se que a participação social nesses espaços possibilita uma contribuição no particular quando estes agregam valores a construção da identidade dos sujeitos, possibilitam conquistas pessoais. Assim como nesses espaços de atuação juvenil há o desenvolvimento das dimensões coletivas que corroboram para o desenvolvimento da sociabilidade a partir da amizade, da convivência, das dificuldades superadas coletivamente.

Em Alagoas na instituição pesquisada a participação juvenil é o foco de atuação. Os jovens que um dia forma público-alvo da ação, são envolvidos a ponto de se tornarem-se os "semeadores" de novas sementes de participação social, como eles denominam no coletivo. Assim é um caminho que muitos deles percorrem, entretanto, tantos outros vivenciam experiências como público e não se tornam semeadores. Cabe então uma reflexão a respeito do fomento da participação dos jovens nesses coletivos como protagonistas. Seria responsabilidades dessas instituições ou deveria se originar na particularidade de cada sujeito apenas?

O nosso olhar sobre a questão, respaldada em autores que tratam a temática, nos permite enfatizar que não há de se responsabilizar uma das partes por esse fomento.

O presente estudo apresenta como urgente a necessidade de darmos continuidade as discussões e reflexões sobre processo de democratização que se estabelecena sociedade contemporânea por meio da efetivação de uma participação social cada vez mais comprometida com a construção identitária, social e humana dos sujeitos. Daí a importância de reconhecemos estes jovens como sujeitos potencializadores de culturas, assim, portadores e produtores de culturas que não podem ficar de forma alguma na opacidade.

Nesse sentido, as culturas juvenis ocupam papel específico na consolidação dessa participação social e, portanto, as ações desses coletivos que travam diariamente lutas contra a invisibilização e estigmatização das juventudes não podem continuar sendo silenciadas ou propositalmente

desconsideradas no contexto acadêmico, político e social.

Referências ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: Abramo, H; BRANC, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto de Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. P. 37-73. ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5, p. 25-36, mai/ago. 1997. ABRANTES, P. **Os sentidos na escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade**. Oeiras: Celta, 2003. ARENDENT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10ªed. 2000. CARRANO, P. **Os jovens e a cidade**. Rio de Janeiro: Relumbré-Dumará, 2002. CASTRO, M.G.; ABROMOVAY, M. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas**. Brasília: RITLA, 2009. CHARLOT, B. **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000. DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Anped, n. 24, p.40-52, set/dez. 2003. DAYRELL, J. **A escola "faz" as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. MARGULIS, M. La juventude es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (Org.). **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, p. 13-31, 2000. MELUCCI, A. **O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004. PAIS, J.M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993. PAIS, J.M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Lisboa: Âmbar, 2003.

* Doutorando e Mestre em Educação pelo programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, possui graduação em Pedagogia e atualmente é aluna do Programa de Pós-graduação em Educação no CEDU/UFAL, onde desenvolve sua pesquisa de doutorado na linha de história e política da educação. É membro do grupo de pesquisa sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira (GEPE). Bolsista da CAPES. E-mail: ninecardeal@gmail.com

.

** Possui pós-doutorado pela Universidade Federal do Maranhão, atualmente é professora da Universidade Federal de Alagoas. Leciona no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira no Centro de Educação (CEDU/UFAL). É a líder do grupo de pesquisa sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira (GEPE). E-mail: elionend@uol.com

.br

Recebido em: 31/05/2016

Aprovado em: 03/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: